

DORY KARLA WASINGER

**INTERPRETAÇÕES SOBRE O MITO DA CAVERNA
DE PLATÃO**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ – SP
JABOTICABAL – SP**

2009

DORY KARLA WASINGER

INTERPRETAÇÕES SOBRE O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação São Luis, como exigência
parcial para a conclusão do curso de Pós –
Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa,
Compreensão e Produção de Texto.

Orientadora: Profa. Mestre Djenane Sichieri
Wagner Cunha

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ - SP
JABOTICABAL – SP**

2009

Dedico este trabalho

a meu marido, pelo apoio, incentivo e compreensão
que sempre se fizeram presentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu o dom da vida, a saúde e a inteligência para apreciar Suas obras e colaborar para um mundo melhor.

Agradeço a meus pais que me deram condições para que chegasse até aqui, bem como todos meus familiares.

Ao professor Sergio Rodrigues pelas contribuições.

Aos colegas de curso de pós-graduação, pela agradável convivência.

“[...] estou tentando apenas convencer-vos, aos mais jovens e mais velhos de que não deveis preocupar-vos com os corpos, com as riquezas ou com alguma outra coisa antes de vos preocupardes primeiramente com a alma, de forma que se torne o melhor possível, afirmando que a virtude não nasce das riquezas, mas da própria virtude vêm, aos homens as riquezas e todos os outros bens, tanto privados como públicos.” (REALE, 1999, p. 175/176).

RESUMO

Platão é um dos filósofos mais lido, interpretado e comentado da história da humanidade; seu pensamento é extenso e rico, abrangendo vários temas filosóficos que são focos de inúmeras citações e interpretações. Através de uma pequena viagem pelo desenvolvimento do pensamento humano, apresentamos algumas interpretações do Mito da Caverna, uma das maiores metáforas filosóficas de todos os tempos, narrado por Platão no livro “República”, levando o leitor a uma reflexão sobre o mundo atual e em especial ao modo como vivemos e enxergamos a realidade à nossa volta, fazendo um pré-questionamento quanto ao nosso eu real. Este trabalho é composto por três capítulos onde inicialmente apresentamos um pequeno resumo da história de Platão e sua dialética, buscando situar o leitor no aspecto histórico-filosófico. No Segundo Capítulo apresentamos as interpretações filosófica, religiosa, educacional, política e científica. No Terceiro Capítulo apresentamos algumas reinterpretações sobre esta magnífica alegoria, encaminhando-nos às Considerações Finais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 PLATÃO E O MITO DA CAVERNA	09
1.1 A Dialética	10
1.2 O mito da caverna	11
2 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES SOBRE O MITO DA CAVERNA	16
2.1 Interpretação Filosófica	16
2.1.1 Ilusões e Crenças	17
2.1.2 A Busca da Verdade	18
2.1.3 O mundo sensível e o mundo inteligível	20
2.1.4 A dialética no Mito da caverna	22
2.2 Interpretação religiosa	22
2.2.1 Mito da Caverna – Sócrates – Jesus	26
2.3 Interpretação educacional	27
2.4 Interpretação política	28
2.5 Interpretação científica	29
3 ALGUMAS REINTERPRETAÇÕES SOBRE O MITO DA CAVERNA	34
3.1 O Mito da caverna segundo Maurício de Souza	34
3.2 Matrix. O que é real?.....	40
3.3 A caverna de Saramago	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

O Mito da Caverna, narrado por Platão, é uma metáfora que permite várias interpretações, em diversos aspectos.

Esta alegoria que retrata a realidade de prisioneiros acorrentados vivendo em uma caverna e crendo como reais meras sombras disformes da verdade real vai ao encontro da realidade vivida por milhões de pessoas.

Atualmente vivemos uma crise valorativa, onde as pessoas não mais consideram a si mesmas e ao outro, esqueceram de pensar, simplesmente respiram, andam, trabalham e compram.

Aprendemos com Descartes que pensamos, logo existimos; com Kant que devemos ousar pensar e com Einstein e sua Teoria da Relatividade aprendemos que a posição do observador interfere no objeto observado.

Neste trabalho procuramos, em meio a letras, pensamentos e reflexões muito mais que uma interpretação de um texto escrito por volta dos anos 380 a.c., buscamos interpretar a nós mesmos, enxergar nossa verdade interior, quebrando os grilhões e saindo para a luz. Para tanto utilizamos a pesquisa bibliográfica, bem como contamos com a colaboração de alguns colegas que em conversas e palestras trouxeram tanto enriquecimento às nossas reflexões.

Desenvolvemos este trabalho em três capítulos, iniciando com um pequeno resumo da história de Platão e sua dialética, onde buscamos situar o leitor no momento histórico na qual Platão viveu e assim melhor compreender o método filosófico desenvolvido por este grande filósofo. No Segundo Capítulo apresentamos algumas interpretações sobre o Mito da Caverna, iniciando pela filosófica e seguindo pelas interpretações religiosa, educacional, política e científica, onde abordamos a evolução do pensamento humano, partindo do mito (fase mítica) à fase racional, composta pela filosofia propriamente dita, os mecanismos de Descartes, a mecânica

newtoniana, o iluminismo, chegando à fase pós-racional, com a física quântica e a teoria da relatividade entre outros. No Terceiro Capítulo apresentamos algumas reinterpretações sobre esta magnífica alegoria. Terminando com as Considerações Finais.

1 PLATÃO E O MITO DA CAVERNA

Platão Nasceu em Atenas por volta do ano 427 a.c. e morreu por volta de 247 a.c. Filho de uma família tradicional e pertencente à nobreza; descendia, por parte de mãe de Sólon, o grande legislador e, por parte de pai, do rei Codro. Recebeu a educação clássica dos jovens aristocratas de Atenas e estando destinado a participar da política, aprendeu retórica com os sofistas.

Platão possuía certo desprezo pelos políticos de seu tempo. O fato de ter vivido toda sua infância nos bastidores da política fez com que conhecesse todas as manobras e artimanhas bem como os verdadeiros motivos e intenções por trás dos atos praticados em prol da coletividade Ateniense.

Por volta dos vinte anos, Platão tornou-se discípulo de Sócrates, tendo convivido com ele por oito anos. Depois da morte de Sócrates, e ainda mais desiludido com a democracia (política) Ateniense, parte dando início às suas viagens e à sua obra.

Conhece outras cidades gregas, visita o Egito, o Sul da Itália, onde é convidado pelo rei Dionísio o Antigo, tirano de Siracusa a ensinar filosofia à corte. Caindo em desgraça perante o rei, é preso e vendido como escravo, sendo libertado graças a um amigo, retornando a Atenas.

Em 387 a.c., nos jardins de Academo, em Atenas, Platão funda sua escola de filosofia, que levou o nome de Academia, procurando desenvolver as idéias e pensamentos de seu mestre Sócrates. Em pouco tempo, a Academia se tornava um dos maiores centros culturais da Grécia e o primeiro instituto de pesquisa filosófica do Ocidente.

Em Atenas, Platão dedica-se inteiramente ao magistério, à filosofia e à composição de suas obras, sendo as mais famosas: Apologia de Sócrates, onde valoriza os ensinamentos de Sócrates buscando reproduzir

sua defesa diante da Assembléia que o condenou, Ménon, que fala sobre a virtude; O banquete, que retrata o amor; A república, em que analisa a política grega, a ética, a justiça e a educação.

Platão utiliza o diálogo para expor suas reflexões. Através deles, eterniza o modo de filosofar de Sócrates, que acreditava que filosofar é elaborar um pensamento durante ou após uma discussão, livre de preconceitos, alcançando-se a verdade real. Nos diálogos platônicos, temos como personagem principal Sócrates.

Através dos diálogos, Platão apresenta a dialética como método de conhecimento.

1.1 A Dialética

“Os olhos foram feitos para ver, a alma para conhecer. Os primeiros estão destinados à luz solar, a segunda, à fulguração da idéia. A dialética é a técnica libertadora dos olhos do espírito.” (CHAUI, 1998, P.196).

Conhecer é, pois, se libertar, se iluminar e o instrumento capaz de realizar esta libertação da alma do mundo das sombras, conforme Platão é a dialética.

Dialética é um diálogo, onde os interlocutores possuem opiniões opostas sobre alguma coisa e discutindo e argumentando, superam essas contradições e chegam a uma única idéia para ambos.

É um exercício do pensamento e da linguagem, uma atividade intelectual que trabalha os contrários e as contradições, buscando superá-los, chegando à essência ou a uma idéia imutável, ou seja, à verdadeira realidade.

“O homem moderno crê experimentalmente ora neste, ora naquele valor, para depois abandoná-lo; o círculo de valores superados e abandonados está sempre se ampliando; cada vez mais é possível perceber o vazio e a pobreza de valores. O movimento é irrefreável [...]. A história que estou

relatando é a dos dois próximos séculos. F. Nietzsche, Fragmentos póstumos” (REALE. 1999, p. 7).

A inconstância das opiniões que, variam de lugar para lugar e de pessoa para pessoa, revela que nossa essência ainda não é conhecida.

A dialética para Platão é o meio pelo qual passamos do mundo das aparências para o mundo real. É um procedimento intelectual e lingüístico

1.2 O Mito da Caverna.

O mito da caverna foi narrado, por Platão, no livro VII da República, expondo a teoria do conhecimento e da *Paidéia* platônica (visão de Platão sobre a educação)

Extraído de "A República" de Platão. 6º ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291

SÓCRATES – Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás deles, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem.

GLAUCO - Imagino tudo isso.

SÓCRATES - Supõe ainda homens que passam ao longo deste muro, com figuras e objetos que se elevam acima dele, figuras de homens e animais de toda a espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam em silêncio.

GLAUCO - Similar quadro e não menos singulares cativos!

SÓCRATES - Pois são nossa imagem perfeita. Mas, diga-me: assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica frente?

GLAUCO - Não, uma vez que são forçados a ter imóveis a cabeça durante toda a vida.

SÓCRATES - E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras?

GLAUCO - Não.

SÓCRATES - Ora, supondo-se que pudessem conversar não te parece que, ao falar das sombras que vêm, lhes dariam os nomes que elas representam?

GLAUCO - Sem dúvida.

SÓCRATES - E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos?

GLAUCO - Claro que sim.

SÓCRATES - Em suma, não creriam que houvesse nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilavam.

GLAUCO - Necessariamente.

SÓCRATES - Vejamos agora o que aconteceria se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a voltar a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via. Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados?

GLAUCO - Sem dúvida nenhuma.

SÓCRATES - Obrigado a fitar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos ora mostrados?

GLAUCO - Certamente.

SÓCRATES - Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o liberar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera? Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, seria possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por serem reais?

GLAUCO - A princípio nada veria.

SÓCRATES - Precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia.

GLAUCO - Não há dúvida.

SÓCRATES - Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é.

GLAUCO - Fora de dúvida.

SÓCRATES - Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que é o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

GLAUCO - É claro que gradualmente chegaria a todas essas conclusões.

SÓCRATES - Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da idéia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram?

GLAUCO - Evidentemente.

SÓCRATES - Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o homem de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?

GLAUCO - Não há dúvida de que suportaria toda a espécie de sofrimentos de preferência a viver da maneira antiga.

SÓCRATES - Atenção ainda para este ponto. Supõe que nosso homem volte ainda para a caverna e vá assentar-se em seu primitivo lugar. Nesta passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe ficariam os olhos como submersos em trevas?

GLAUCO - Certamente.

SÓCRATES - Se, enquanto tivesse a vista confusa -- porque bastante tempo se passaria antes que os olhos se afizessem de novo à obscuridade - - tivesse ele de dar opinião sobre as sombras e a este respeito entrasse em discussão com os companheiros ainda presos em cadeias, não é certo que os faria rir? Não lhe diriam que, por ter subido à região superior, cegara, que não valera a pena o esforço, e que assim, se alguém quisesse fazer com eles o mesmo e dar-lhes a liberdade, mereceria ser agarrado e morto?

GLAUCO - Por certo que o fariam.

SÓCRATES - Pois agora, meu caro GLAUCO, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus sabe se é verdadeiro. Quanto a mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a idéia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal de tudo o que é belo e

bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.

2 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES SOBRE O MITO DA CAVERNA

Platão foi e é um dos filósofos mais lido, interpretado e comentado da história da humanidade; seu pensamento é extenso e rico, abrangendo vários temas filosóficos, que são foco de inúmeras citações e interpretações.

Neste capítulo iremos abordar algumas interpretações por trás da famosa alegoria da Caverna narrada na obra *A República* que enfatiza o caráter dinâmico do conhecimento e a passagem do mundo das aparências para o mundo real.

2.1 Interpretação Filosófica.

Na alegoria da Caverna, Platão apresenta de forma figurativa, a prisão mental na qual a humanidade vivia e vive. Para ele, a maioria dos seres humanos se encontra como prisioneiros em uma caverna, contemplando as sombras, projeções dos seres e coisas que compõe a realidade. Iludidos por nossas crenças e opiniões acabamos nos acostumando com o mundo de aparências na qual vivemos e o identificamos as sombras como a verdadeira realidade.

Quando começamos a indagar sobre a realidade que nos cerca, quando tomamos a decisão de não aceitar as opiniões pré-estabelecidas e questionamos as crenças e os sentimentos que alimentam nossa existência, somos como o filósofo que se liberta e sai da caverna, buscando a luz da verdade, a realidade.

Para Platão, a filosofia é o instrumento que liberta o prisioneiro, portanto, somente o filósofo teria condições de libertar-se da ilusão e atingir a plena sabedoria.

Mas o que é filosofia?

Segundo Marilena Chaui (2005, p.17/18), basicamente podemos dizer que filosofia é: *“A decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes, as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana, jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido”*.

2.1.1 Ilusões e crenças.

Um dos piores inimigos da humanidade é a ilusão. Nossas crenças, opiniões e principalmente o falso orgulho, facilitam sua infiltração na realidade, obstruindo nossa capacidade de interagir de maneira racional e equilibrada, com as outras pessoas e situações.

Por crenças devemos entender todas as idéias em que acreditamos sem questionar. Aceitamos porque são óbvias, porque cremos que podemos percebê-las e diferenciar a realidade da ilusão.

“Achamos óbvio que todos os seres humanos seguem regras e normas de conduta, possuem valores morais, religiosos, políticos, artísticos, vivem na companhia de seus semelhantes e procuram distanciar-se dos diferentes dos quais discordam e com os quais entram em conflito. Isso significa que acreditamos que somos seres sociais, morais e racionais, pois regras, normas, valores, finalidades só podem ser estabelecidos por seres conscientes e dotados de raciocínio.

Como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação de coisas e idéias que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias. Crems na existência do espaço e do tempo, na realidade exterior e na diferença entre realidade e sonho, assim como na diferença entre sanidade mental ou razão e loucura....

Crems na existência do tempo, isto é, num transcorrer que não depende de nós, e cremos que podemos medi-lo com instrumentos como o relógio e o cronômetro, No entanto, quando estamos a espera de alguma coisa muito desejada [...], o tempo parece não passar, [...]. Ao contrário, se estamos numa situação de muita satisfação [...], o tempo voa” (CHAUI, 2005, P.15).

Crems até que podemos recuperar o tempo perdido, em uma passagem do livro A Caverna de José Saramago, ele brilhantemente expõe, que realmente cremos que o tempo fica parado esperando, com a devida paciência, que o

alcancemos; mas conforme já devidamente comprovado pela Teoria da Relatividade de Einstein, tempo e espaço não existem.

Quando passamos a adotar uma postura questionadora, começamos a rever essas crenças silenciosas, e percebemos que se contradizem ou se mostram incompatíveis com outra ou em relação a um novo conhecimento, assim, entramos uma atitude de conflito interno.

Esses conflitos são as principais circunstâncias que nos levam à mudança de atitude e ao questionamento. Assim como a água movimenta o moinho, o questionamento nos leva a novas perguntas, novos conflitos e à mudança.

2.1.2 A busca da verdade.

Através do mito da caverna, Platão, nos mostra o caminho percorrido pelo filósofo, desde as primeiras noções imprecisas até as idéias reais que estão por trás das projeções.

“A caverna. Diz Platão, é o mundo sensível onde vivemos. A réstia de luz que projeta as sombras na parede é um reflexo da luz verdadeira (as idéias) sobre o mundo sensível. Somos os prisioneiros. As sombras são as coisas sensíveis que tomamos pelas verdadeiras. Os grilhões são nossos preconceitos, nossa confiança em nossos sentidos e opiniões. O instrumento que quebra os grilhões e faz a escalada do muro é a dialética. O prisioneiro curioso que escapa é o filósofo. A luz que vê é a luz plena do Ser, isto é, o Bem, que ilumina o mundo inteligível como o Sol ilumina o mundo sensível. O retorno à caverna para convidar os outros a sair dela é o diálogo filosófico. Os anos despendidos na criação do instrumento para sair da caverna são o esforço da alma, descrito na Carta Sétima, para produzir a “faísca” do conhecimento verdadeiro pela “fricção” dos modos de conhecimento. Conhecer é um ato de libertação e de iluminação.” (CHAUI, 1998, p.195/196).

Platão estabelece uma distinção entre o mundo sensível e o mundo inteligível. O sensível é formado pela experiência sensorial, pelos sentidos e pela linguagem. São imagens/projeções tais como nos aparecem, variável de pessoa para pessoa e conforme as circunstâncias, podem variar numa mesma pessoa. Já o inteligível é o conhecimento verdadeiro, alcançado pelo pensamento e pelas idéias, é formado pelas essências reais das coisas.

Tanto Sócrates como Platão consideravam as opiniões, as percepções e as imagens sensoriais, como fontes de erros, mutáveis, inconsistentes e contraditórias, formas imperfeitas do conhecimento que nunca alcançam a verdade plena da realidade.

A filosofia, para Platão, pode ser resumida como o esforço do pensamento para abandonar o sensível e passar ao inteligível.

Quando nos libertamos das aparências das coisas, das opiniões, das ilusões (mundo sensível) e passamos a ver intelectualmente a essência delas (mundo inteligível), estamos diante da verdade.

A verdade é o conhecimento da essência real e profunda dos seres, é universal, necessária e imutável.

Conhecer é recordar a verdade que já existe em nós, através da razão. Ignorar é não saber algo.

A ignorância é consequência das crenças e opiniões que possuímos e consideramos como certas, úteis e eficazes, não havendo motivos para duvidar delas.

A incerteza por sua vez, difere da ignorância porque, na incerteza descobrimos que somos ignorantes; as crenças e opiniões em que até então acreditávamos não mais explicam a realidade, os conflitos aparecem, perdemos nossas referências para pensar e agir. Somos tomados pela dúvida e pela incerteza.

Diante da incerteza e desejando conhecer a verdade passamos a indagar, questionar e quando isso acontece, estamos na chamada busca da verdade.

“[...] Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza mas também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente.

Podemos, dessa maneira, distinguir dois tipos de busca da verdade. O primeiro é o que nasce da decepção, a incerteza e da insegurança e, por si mesmo, exige que saíamos de tal situação readquirindo certezas. O segundo é o que nasce da deliberação ou decisão de não aceitar as certezas e crenças estabelecidas, de ir além delas e de encontrar explicações, interpretações e significados para a realidade que nos cerca. “Esse segundo tipo é a busca da verdade na atitude filosófica.” (CHAUI, 2005, p. 90/91).

Sempre que nos deparamos com o novo há uma natural resistência, mas gradativamente saímos dessa inércia mental e passamos a produzir novas idéias.

2.1.3 O mundo sensível e o mundo inteligível.

Anteriormente, vimos que Platão faz uma distinção entre o mundo sensível e o mundo inteligível. O mundo sensível é uma cópia do mundo inteligível, é um mundo de aparências, das incertezas e passível de variação.

Como o conhecimento verdadeiro é imutável, podemos falar que o conhecimento verdadeiro se encontra no mundo inteligível.

“[...] Sócrates, [...] opondo-se aos sofistas, afirmava que a verdade pode ser conhecida desde que compreendamos que precisamos começar afastando as ilusões dos sentidos, as imposições das palavras e a multiplicidade de opiniões. Possuímos uma alma racional que nos assegura que podemos alcançar a verdade e que a alcançamos apenas pelo pensamento, isto é, pela atividade de nossa razão. Como as idéias são inatas em nossa alma

racional, conhecer-se a si mesmo é fazer o trabalho para o parto ou nascimento das idéias e auxiliar os demais a realizar esse parto.

Os órgãos dos sentidos, diz Sócrates, nos dão somente as aparências das coisas e as palavras, meras opiniões sobre elas. A marca da aparência e da opinião é sua variabilidade: varia de pessoa para pessoa e varia num mesmo indivíduo. Mas não só varia: também se contradiz. Conhecer é começar a examinar as contradições das aparências e das opiniões para poder abandoná-las e passar da aparência à essência, da opinião ao conceito. O exame das opiniões é aquele procedimento que Sócrates chamava de ironia, com o qual o filósofo conseguia que seus interlocutores reconhecessem que não sabiam o que imaginavam saber; o parto das idéias era a maiêutica (palavra grega que significa “parto”), com o qual a perguntas adequadas feitas pelo filósofo, o interlocutor encontrava em sua alma racional a idéia verdadeira ou a essência da coisa procurada.” (CHAUI, 2005, p.123).

Para Platão há quatro formas ou graus de conhecimento: crença ou imaginação, opinião, raciocínio e intuição intelectual:

- A crença ou imaginação representa nossas sensações, cremos que as coisas são tais como as percebemos, são reflexos.
- A opinião é a confiança que depositamos no que foi ensinado, transmitido, é a confiança nas sensações e na percepção.

Esses dois primeiros graus formam o conhecimento sensível, nos oferecem apenas a aparência das coisas ou suas imagens (são sombras da realidade) e correspondem à situação dos prisioneiros da caverna.

- O raciocínio é o questionamento que treina e exercita nosso pensamento através da matemática, das hipóteses, purificando-o das crenças (sensações) e opiniões. Preparando-o para a intuição intelectual a ciência.

- A ciência é a essência real e verdadeira das coisas e conhecê-la é ter o conhecimento verdadeiro é o saber verdadeiro.

Esses dois últimos graus formam o conhecimento inteligível (a realidade).

2.1.4 A Dialética no Mito da Caverna.

No mito da caverna vemos que nosso personagem passa de hipóteses a hipóteses, vivencia contradições, sendo gradativamente preparado para a contemplação da verdade.

Através do mito, Platão, apresenta a dialética ascendente, que nos liberta da cegueira para vermos a verdadeira luz e a dialética descendente, que é representada pelo retorno do prisioneiro à caverna, para ensinar seus colegas como sair. Platão acredita que não é possível ensinar o que é a realidade, a verdade, mas apenas ensinar a procurá-las.

“[...] A dialética, como toda a técnica, é uma atividade exercida contra uma passividade, um esforço (pónos) para concretizar seu fim forçando um ser a realizar sua própria natureza. No Mito, a dialética faz a alma ver sua própria essência (eîdos) - conhecer - vendo as essências (idéia) - o objeto do conhecimento -, descobrindo seu parentesco com elas. A violência é libertadora porque desliga a alma do corpo, forçando-a a abandonar o sensível pelo inteligível.” (CHAUI, 1998, p. 196).

2.2 Interpretação religiosa.

“[...] Estou tentando apenas convencer-vos, aos mais jovens e mais velhos de que não deveis preocupar-vos com os corpos, com as riquezas ou com alguma outra coisa antes de vos preocupardes primeiramente com a alma, de forma que se torne o melhor possível, afirmando que a virtude não nasce das riquezas, mas da própria virtude vêm, aos homens as riquezas e todos os outros bens, tanto privados como públicos. Platão, Apologia de Sócrates”. (REALE, 1999, p. 7 e 175/176).

Neste capítulo iremos abordar o aspecto religioso por trás desta alegoria.

Temos o Platão preocupado com o Bem e o Ser Uno e indivisível; temos o Platão dos primeiros cristãos que relata a imortalidade da alma e coloca o corpo como uma prisão e a purificação espiritual como a salvação.

Podemos interpretar o Mito da Caverna como uma simbologia da ascensão da alma do mundo das trevas, da escuridão, ao mundo inteligível, da salvação.

A trajetória do prisioneiro é a trajetória do homem, um ser dotado de corpo e alma, que aspira a verdade e a Deus.

Encontrando-se aprisionado na caverna, o homem acredita que as sobras das coisas são a realidade. Para a filosofia o homem se encontra em um processo ilusório da verdade, alimentado por crenças e opiniões, no sentido religioso também se encontra envolvido, mas por sentimentos impuros ou ligados à posse, sentimentos passageiros ligados à matéria e aos prazeres terrenos.

Quando este homem se depara com situações e problemas e não encontra respostas em suas crenças, até então defendidas, passa a se questionar; é o romper dos grilhões, o primeiro passo para sua libertação que lhe possibilita ver, ainda no interior da caverna, os objetos cujas sombras são projetadas na parede e o fogo que os ilumina.

A ilusão é o pilar que sustenta as falsas idéias. Negamos a verdade por medo de sabermos a realidade e nos convencemos que esta idéia é a correta. Ficamos cegos para o mundo real.

A auto-ilusão pode ser conceituada como um processo onde enganamos a nós mesmos de modo a aceitar como verdadeiro e real o que é falso ou ilusório. É uma maneira de justificarmos crenças falsas em nós mesmos. Preferimos acreditar em nossa própria interpretação dos fatos, tornando-nos donos da verdade, é um

processo de autodestruição que leva a uma obsessão a respeito de uma verdade criada por nos mesmos.

O exercício do desapego e da humildade, amplamente difundidos entre as religiões, é uma forma de combatermos as ilusões e, sem dúvida, os grandes responsáveis pelos sofrimentos humanos são o orgulho e o egoísmo, frutos de nossas falsas crenças.

Em nome do orgulho e do egoísmo nos iludimos negando a evolução, o movimento, a dinâmica da vida, bem como a nossa dependência em relação aos outros seres e pessoas para a concretização de nossas realizações. Negamos os Princípios da Impermanência e da Interdependência.

Quando iniciamos nosso caminhar para fora da caverna, estaremos percorrendo o caminho da realização, da felicidade, da compreensão e da comunhão, mas antes temos que encarar a fogueira e com certeza, iremos tropeçar em algumas pedras da encosta rude e escarpa que nos separa da claridade. É neste ponto que muitas pessoas se perdem.

Por se acharem melhores que os demais, mais sábios e, portanto isentos de erros, caem na armadilha da arrogância e da petulância, alcançando apenas a fogueira.

O homem pode se condenar ou se salvar, seu destino não depende de Deus, depende unicamente do próprio esforço e de sua reforma íntima.

Na etapa seguinte, o Mito relata que nosso personagem prossegue seu caminhar e atinge o exterior da caverna, onde inicialmente se vê ofuscado pela luz do Sol e posteriormente consegue ver as coisas em sua plena realidade.

O ofuscamento causado pela luz do Sol é a retirada da venda que encobria nossos olhos, é a quebra da ilusão e o contato direto com a verdadeira realidade divina, é a noção real e precisa de seu eu interior e de Deus.

“[...] O Mito propõe uma analogia entre os olhos do corpo e os olhos do espírito quando passam da obscuridade à luz: assim como os primeiros ficam ofuscados pela luminosidade do Sol, assim também o espírito sofre um ofuscamento no primeiro contato com a luz da idéia do Bem que ilumina o mundo das idéias.” (CHAUI, 1998, p. 196).

Se compararmos à história dos grandes mestres da humanidade como Buda, Moises e Jesus veremos que cada qual trouxe uma revelação; gradativa e seqüencial, pois se olharmos para uma luz muito forte, sem as devidas condições, podemos ficar cegos.

Primeiramente soltamos dos grilhões, depois percebemos a fogueira e fomos ofuscados, após acostumarmos nosso olhos com a luz do fogo, tomamos consciência da caverna onde nos encontramos e verificamos que as imagens vistas e até então defendidas como reais, eram sombras de algo que se encontra adiante. Prosseguimos, tateando as encostas e finalmente saímos da caverna e vemos a verdadeira luz que novamente ofusca nossa vista até nos acostumarmos com sua grandeza.

Neste momento, temos pleno conhecimento do Ser Maior, a criatura encontra o Criador e com ele participa do banquete celeste.

Até esse momento, o Mito direcionava o homem no sentido ascendente, agora, possuidor do conhecimento da verdade, cabe a ele o retorno a caverna para indicar o caminho da verdade aos irmãos que ainda não conseguiram retirar a trave de seus olhos.

A ascensão é árdua e dolorosa e o retorno à caverna é penoso e ao mesmo tempo humanitário, é prova de humildade e amor para com os demais que permanecem presos na caverna da ignorância.

Podemos falar que Jesus foi um desses mestres-filósofos que alcançando a verdadeira luz, retornou à caverna e apresentou aos homens um novo

conhecimento, baseado no amor ao próximo e no perdão, indicando no Sermão da Montanha, o caminho para alcançar a verdade eterna.

Assim como aconteceu com o personagem do Mito, as idéias trazidas por Jesus eram revolucionárias para sua época, encontrando poucos seguidores e, como contrariavam as regras e costumes até então defendidos, foi agredido e morto pelos que permaneciam acorrentados, perdidos em suas crenças, se deixando levar pelas falsas ilusões.

Ainda hoje, muitos se recusam a mudar, preferem permanecer no mundo das sombras, mas, conforme afirma João Nunes Maia: “Depois que os olhos do espírito se abrem, a consciência firma naquilo que podemos chamar a vontade de Deus. O tempo é o fator mais vivo para nos despertar para a realidade.” (MAIA, 1987, p. 61).

2.2.1 O Mito da caverna - Sócrates – Jesus.

Quando analisamos o mito da Caverna percebemos algumas semelhanças entre a alegoria narrada e a história de duas personalidades marcantes para a humanidade que buscaram mostrar o caminho da verdade a seus conterrâneos e foram mortos devido à ignorância da turba; Sócrates, mestre de Platão e Jesus.

Assim como o prisioneiro da caverna, Sócrates e Jesus, em uma trajetória descendente, mostraram as falsas ilusões que dominavam as mentes das pessoas, colocando em dúvida as crenças e noções até então difundidas e revelaram o caminho da verdade; Sócrates através do diálogo, da dialética, da busca da razão e Jesus, através do perdão e do amor.

Ambos dominavam a arte da retórica e da oratória; falando com autoconfiança quebraram vários grilhões, porém igualmente, fizeram vários inimigos, sendo condenados à morte.

Sócrates e Jesus possuíam uma mensagem a transmitir e em nome de seus ideais se recusaram a pedir clemência, preferindo a morte.

Anteriormente falávamos que as revelações são gradativas e seqüências quem sabe Sócrates plantou a semente da busca da verdade que posteriormente foi regada por Jesus.

2.3 Interpretação educacional.

Podemos fazer ainda, uma interpretação educacional, onde o Mito da Caverna é visto como uma forma alegórica que relata as diversas abordagens educacionais pela qual nossa humanidade passou, vem passando e ainda passará.

Podemos comparar os prisioneiros aos alunos que foram e são submetidos a um sistema educacional tradicional, onde cabe ao aluno apenas ouvir, assimilar e repetir, ver as sombras e crer que é a realidade.

Alguns conseguem se desvencilhar dos grilhões e alcançar a saída da caverna, e se deparam com a luz da verdade.

Agora, como professores e educadores fazem a trajetória descendente adotando novas abordagens educacionais, como a Humanista, Cognitivista e/ou sociocultural.

Para Platão a educação tem como objetivo levar a alma da ignorância ao conhecimento da verdade real. O professor é o filósofo que mostra a seu aluno, o caminho para o mundo inteligível, retirando-o da caverna. É o questionador que utiliza a dialética para chegar à verdade.

Para muitos estudiosos, Platão é considerado o fundador da *Paidéia* filosófica, ou seja, Platão foi o primeiro a criar um modelo de educação fundamentado na razão e na idéia racional de homem. Através da *Paidéia*, Platão propõe seu programa de regeneração da *polis* de Atenas.

Platão acredita que conhecer é se lembrar é um ato de libertação e iluminação assim, a educação é o caminho que faz com que a alma desperte e

substitua o mundo sensível, das ilusões, das sombras do interior da caverna, pelo mundo inteligível, da verdade real e do conhecimento.

A prova de que muitos grilhões foram quebrados são as várias correntes pedagógicas que atualmente discutem e aplicam novos conceitos educacionais. Todos buscam o desenvolvimento integral do homem, como ser responsável pelos seus atos, consciente de sua realidade, plenamente capacitado para a utilização de sua racionalidade. Mas será que alcançamos a luz solar, ou estamos apenas vendo a fogueira? Fica aqui uma pergunta para dialogarmos.

2.4 Interpretação política.

O Mito da Caverna retrata o mundo de ilusões em que vivemos, as sombras são as crenças que tomamos como verdade. Os grilhões são nossas opiniões e preconceitos. O prisioneiro que rompe os grilhões e vê a verdade real é o filósofo.

Somente o filósofo se encontra preparado para retornar à caverna e mostrar o caminho da verdade aos demais prisioneiros, pois ele teve contato e sabe o que é a realidade.

Assim, para Platão, a *polis* deve ser governada pelo filósofo, pelos sábios legisladores que conseguiram se libertar das sombras das ilusões e vêem a verdadeira realidade, possuindo condições para libertar os demais prisioneiros, ou seja, os demais cidadãos. A administração ficaria a cargo dos cientistas; a defesa seria feita pelos guerreiros e a manutenção da sobrevivência de todos é tarefa dos produtores.

Para Platão, o filósofo-político é aquele que busca a libertação das consciências e a justiça social uma vez que possui o conhecimento da verdade real. A finalidade da política é a realização da justiça para o bem comum.

Diante do exposto, percebemos que politicamente, encontramos-nos bem no fundo da caverna, as sombras são espaciais o ar rarefeito, o local é frio, pois a fogueira encontrasse bem distante.

Nossos políticos nada têm de filósofos, encontram-se tão presos e amarrados a falsas crenças quanto os demais, simplesmente são os primeiros a distinguir as imagens que refletem na parede da caverna ou fazem com que pensem que foi o primeiro e com isso exaltam-se em honras, enobrecendo-se. Buscam a veneração e com isso a falsa ilusão de poder.

A vida na caverna continua e qualquer tentativa de mudança é rapidamente reprimida.

2.5 Interpretação científica.

O professor Sergio Rodrigues faz uma comparação entre o Mito da Caverna e a evolução científica, em especial na física, área em que o digno professor atua.

Com as devidas proporções e inspirando-se na referida palestra, passaremos a expor a interpretação do Mito da Caverna e a evolução do pensamento científico.

As primeiras observações feitas pela humanidade foram os fenômenos da natureza, que eram atribuídos aos Deuses. As explicações se davam através dos mitos que narravam histórias de seres imaginários que simbolizavam as forças da natureza e retratavam os aspectos cotidianos da vida humana.

Durante muito tempo a verdade era sobrenatural, uma inspiração divina. Os Deuses ou seres divinos, por sua vez, possuíam características psicológicas humanas e em momentos de fúria produziam terremotos, enchentes, epidemias etc., dizimando a colheita e o gado. O homem deveria obedecer e prestar oferendas e sacrifícios ou seria punido.

É nesta fase que verificamos o primeiro paradigma da ciência, a existência de dois mundos, o mundo real e outro sobrenatural como formas de se explicar e organizar a natureza e a vida.

Este pensamento perdurou por muitos anos, mas a busca de novas explicações e soluções mais eficientes, para os fenômenos que nos afligiam, deu origem a uma nova forma de pensar.

Nos séculos VII a.c. a VI a.c., na Grécia, surgem os primeiros filósofos, entre eles Tales de Mileto, Heráclito, Pitágoras entre outros, que buscavam uma explicação racional e sistemática para os fenômenos da natureza, e por isso ficaram conhecidos como filósofos da natureza .

Os filósofos Leucipo e Demócrito desenvolveram a teoria Atômica, onde a matéria de todos os corpos é formada por partículas infinitamente pequenas e indivisíveis chamadas átomos.

Com o início da filosofia termina a fase mítica e iniciasse a fase da racional, onde o homem passa a dar importância à objetividade.

A partir de Sócrates, os filósofos são divididos em pré e pós-socráticos.

Sócrates e Platão fazem a separação entre as imagens sensoriais e as opiniões e a verdade real. Na Teoria das idéias, Platão, afirma a existência de dois mundos, o sensível e o inteligível. Para Platão o homem deveria buscar o verdadeiro conhecimento superando as crenças e opiniões; deixando as trevas da ignorância e buscando as luzes da verdadeira sabedoria, essa é a idéia exposta no Mito da Caverna.

Aristóteles além de filósofo era cientista, desenvolvendo uma linguagem técnica que é utilizada até hoje por diversas ciências.

Suas principais contribuições para a ciência são: o Geocentrismo que colocava a Terra como centro do Universo e suas idéias de movimentos de corpos, chamados de “graves”, daí a palavra gravidade, onde se acreditava que toda matéria

era composta de quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo, e esses elementos ocupavam determinadas posições no Universo. O fogo e o ar ficavam acima do lugar natural de água e da terra, assim, os corpos caem para buscar seu lugar natural. Como exemplo a pedra e a chuva, ambas caem porque seus lugares naturais são a terra e a água.

Na idade Média, durante o domínio da igreja católica, o homem passa a ser visto como criatura de Deus. Temos o Teocentrismo, Deus como o centro de todas as coisas. A verdade é Deus e as Escrituras Sagradas são a verdade revelada por Deus aos homens, são decretos divinos, conhecidos como dogmas. Surge a idéias do pecado original, da criação do mundo do nada, juízo final etc..

A filosofia foi utilizada por Tomás de Aquino, Agostinho e Martinho Lutero entre outros, que, aproveitando-se das idéias de Platão e Aristóteles interpretavam as escrituras, pregando o desprezo às coisas materiais, a busca da elevação espiritual etc. como forma de aproximação de Deus.

No século XII surge um novo pensamento, o Renascimento, que prega a libertação do homem pelas próprias mãos e pelo conhecimento. Temos o homem como centro do universo, o Antropocentrismo.

Neste período surge Nicolau Copérnico e a Teoria Heliocêntrica, rompendo o domínio do Geocentrismo. Em sua obra *Commentariolus*, pela primeira vez, diz que a Terra é um entre outros planetas, que giram em torno do Sol descrevendo orbitas circulares.

Galileu Galilei que além de confirma a teoria de Copérnico, estudou os movimentos da queda dos corpos e assim como Roger Bacon introduz o pensamento científico e a comprovação da veracidade dos fatos ditos verdadeiro através de comprovações materiais e não mais através da fé ou de simples pensamentos, dando inicio à ciência como hoje conhecemos.

Assim como nosso prisioneiro no Mito da Caverna, Copérnico e Galileu foram perseguidos por seus contemporâneos pelas idéias inovadoras e por desafiar alguns dogmas.

De um modo geral podemos falar durante esta época, todo o conhecimento do homem era formado pela ciência, até então experimental, pela religião, pela alquimia e pela metafísica.

Com a idade Moderna, o conhecimento passa a ser aceito somente diante de uma prova absoluta e inquestionável e é no método cartesiano criado por René Descartes que temos a base da ciência contemporânea.

O método criado por Descartes estabelece quatro pontos: a verificação da existência do fenômeno; a análise dos elementos que compõe o fenômeno; a síntese dos estudos desenvolvidos durante a análise e a enumeração das conclusões e princípios utilizados. Para Descartes somente a razão é digna de crédito.

Em 1687, Issac Newton publica sua obra *Principia*, apresentando a Lei da Gravitação Universal e as três leis que regem a mecânica Clássica.

Charles Darwin com sua teoria da Evolução por seleção natural revolucionou o modo de pensar do homem.

Albert Einstein, em 1905, desenvolve a Teoria da Relatividade onde o universo passa a ser visto como todo ininterrupto e indivisível.

No ano seguinte Santos Dumont voa com seu 14 Bis pelos céus de Paris.

A ciência busca libertar o homem das falsas crenças, levando-o para fora da caverna. O processo de evolução é contínuo, novos métodos científicos surgem e outros se aprimoram constantemente.

Podemos falar que três homens abalaram a vaidade humana, Darwin com sua Teoria da Evolução, Copérnico situando a Terra em seu devido lugar no universo e Freud expondo inconsciente.

A partir do século XX, com um número maior de cientistas trabalhando no desenvolvimento de novas tecnologias, houve uma aceleração nas descobertas científicas, principalmente em dois setores: na medicina com a descoberta do DNA, o genoma humano, a clonagem a utilização de células-tronco e na informática com o computador doméstico e a internet.

Percebemos que muitos conceitos foram descartados, outros resgatados e aprimorados e outros são únicos e originais. Diante deste quadro evolutivo onde a verdade de hoje pode ser o falso do amanhã, o Mito da Caverna continua a ser atual e freqüente em nossas vidas, pois, inúmeras descobertas surgem todos os dias, inúmeros mitos são derrubados enquanto novas verdades tomam seus lugares.

3 ALGUMAS REINTERPRETAÇÕES DO MITO DA CAVERNA

O Mito da Caverna se mostra tão atual que algumas obras atuais fazem referência quase explícita a ele.

Escritores e roteiristas elaboraram paralelos entre a caverna de Platão e o mundo atual, repensando a condição humana diante da globalização, da internet, do consumismo, da apatia reflexiva.

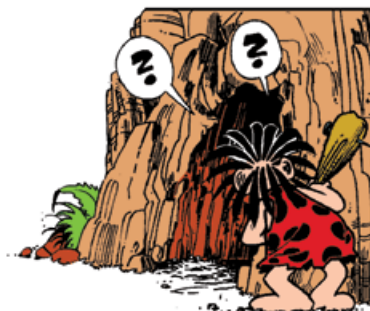
Apresentaremos três abordagens distintas: uma história em quadrinhos do cartunista Mauricio de Souza, a trilogia do filme Matrix e o livro A Caverna de José Saramago.

3.1 O Mito da Caverna segundo Mauricio de Souza.

Mauricio de Souza de uma forma divertida apresenta a o Mito da Caverna, elaborando um final condizente com nossa realidade.

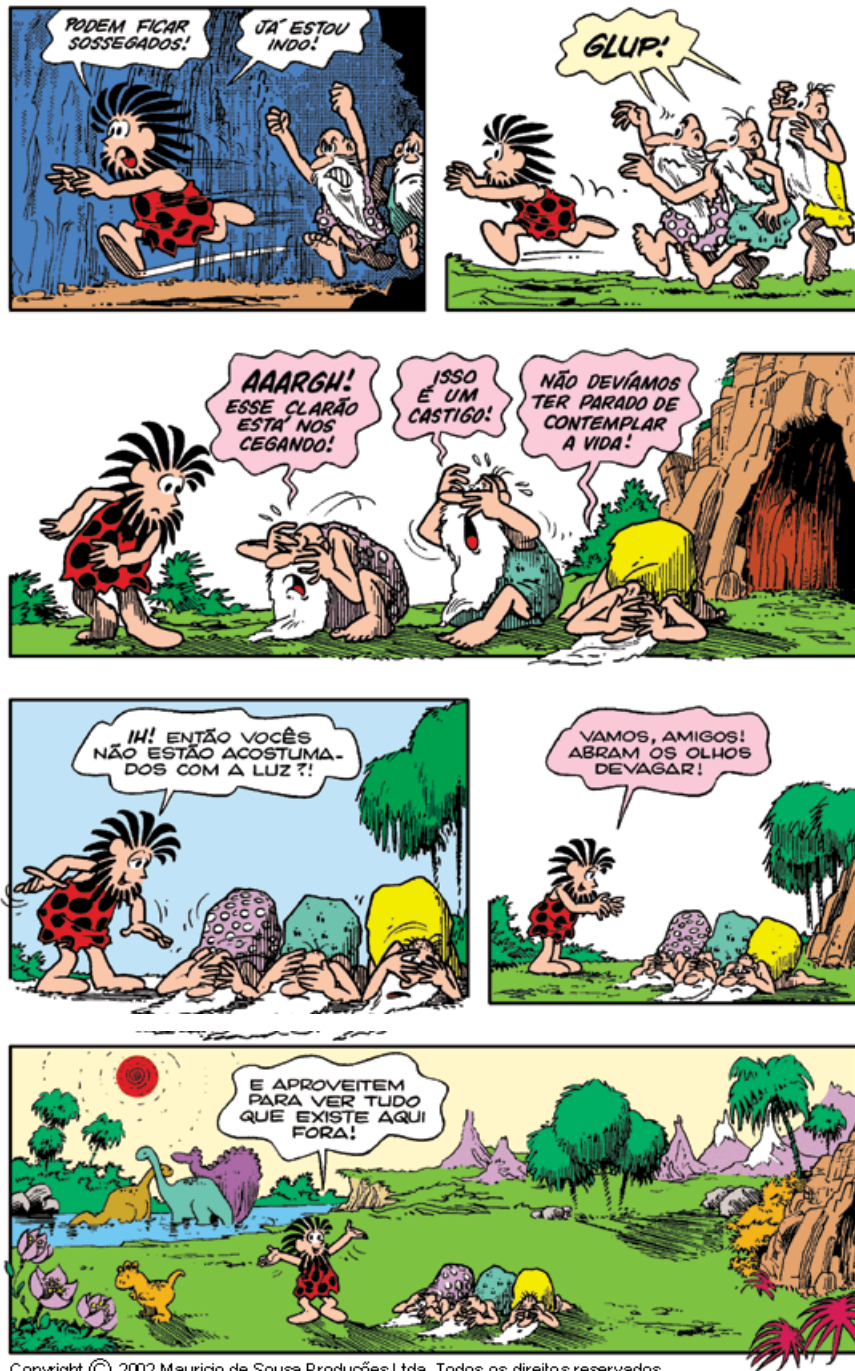
Extraído do Portal turma da Turma da Mônica – www.monica.com.br, Histórias Seriadas - Piteco - **As sombras da vida**

MAURICIO APRESENTA **AS SOMBRAS DA VIDA** COM PITECO











Mauricio de Souza nesta charge apresenta Piteco como o filósofo que saiu da caverna e retorna para libertar os demais prisioneiros. Mas a condição de aprisionado não é natural ou típica de uma época ou geração, é uma condição do próprio indivíduo que se recusa a sair da caverna, ficando preso às velhas crenças e opiniões aqui representadas pela Televisão.

A realidade para esse novo homem passa a ser a imagem transmitida em um aparelho de televisão, se possível de última geração, com tecnologia de ponta e tamanho exageradamente desproporcional que chega a ofuscar a vista.

A mídia possui um poder muito forte sobre as pessoas, fazendo-as agirem por impulso, podemos falar que somos condicionados subliminarmente para determinados comportamentos, razão pela qual existe uma regulamentação sobre as propagandas veiculadas para evitar excessos.

Atualmente nos encontramos em uma situação um tanto delicada, pois no mundo globalizado que vivemos, dependemos da mídia, assim como dos demais recursos tecnológicos como a internet, blogs, youtube, etc. para recebermos as informações, mesmo que falsas ou manipuladas, sobre os acontecimentos locais ou mundiais.

Cabe a cada um a mediação das informações recebidas, bem como a atitude de agir em busca da realidade da vida ou permanecer inerte contemplando as imagens veiculadas.

3.2 Matrix. O que é real?

A segunda abordagem diz respeito à trilogia do filme Matrix de 1999, escrito e dirigido pelos Irmãos Wachowski.

Para Platão, o homem aspira à verdade e sua busca é a essência da filosofia e da natureza humana.

A verdade é um desejo da alma e somente através da filosofia, o homem consegue alcançá-la.

No filme Matrix, o personagem principal, Neo, pode ser comparado a Sócrates, porque como este questionava o mundo em sua volta, desconfiava da realidade, não se contentava com as opiniões e crenças estabelecidas. Neo procurava uma resposta, Neo procurava a verdade real.

No primeiro filme Neo pergunta a Morpheus o que é a verdade e descobre que era um escravo, nascido em cativeiro e que sua mente estava aprisionada em um programa de computador chamado Matrix.

A Matrix simulava uma realidade humana praticamente perfeita, uma realidade virtual no qual todos acreditavam, enquanto sugava a energia gerada dos impulsos elétricos de seus corpos para sustentar-se.

Morpheus continua explicando que a Matrix, está em todo lugar, à nossa volta. "... É um mundo colocado diante dos seus olhos para que não veja a verdade."

Nossos personagens, tanto no filme como no Mito da Caverna, vivem presos num mundo que consideram real, não sabem que são prisioneiros nem desconfiam que haja outra realidade além daquela em que vivem. A prisão mental, narrada por Morpheus, é a imagem do prisioneiro na caverna platônica.

No filme, Neo, deve fazer a escolha, entre a pílula azul e a vermelha, entre a ilusão e a verdade e ao escolher a pílula vermelha, segue o caminho do filósofo que se liberta o caminho da audácia e da realidade.

Sob a tutela de Morpheus, Neo inicia seu novo aprendizado, quebrando os grilhões que ainda o prendiam é levado ao mundo exterior, sob a luz do Sol e vê as coisas como elas realmente são e tomando conhecimento do mundo real, fica confuso e até incrédulo. Era difícil aceitar a verdadeira condição em que a humanidade se encontrava.

Assim como o prisioneiro da caverna, Neo teve sua visão ofuscada pela luz do Sol e inicia seu processo de autoconhecimento.

Gradativamente, Neo, aprende a utilizar sua mente e a não confiar nos seus sentidos. Percebe que vivia em uma realidade virtual, uma simulação criada pela Matrix, onde as pessoas são prisioneiras desta realidade.

Durante todo o filme vemos a luta entre a ilusão e a realidade, entre a percepção e o intelecto, a mente humana contra os centros artificiais da Matrix.

Percebemos que tanto no Mito da Caverna, quanto no filme Matrix temos pessoas que quebraram os grilhões e buscaram a verdade da vida. Em Platão, nosso filósofo busca o conhecimento, no filme, Neo é comparado a um herói que libertará a todos.

3.3 A Caverna de Saramago.

O livro A Caverna de José Saramago retrata a diferença de dois mundos, o Centro Comercial, que representa o capitalismo e a globalização, e o mundo de Cipriano, que é o homem simples com seu trabalho e seus relacionamentos.

Enquanto Platão usa a caverna como uma alegoria do conhecimento humano frente à verdade real, Saramago a vê como uma alegoria da condição humana diante do capitalismo.

O Centro comercial é a caverna onde se mora, estuda, trabalha, vive e se morre. O Centro é organizado, seguro, controlado, é auto-suficiente. Seus moradores têm tudo o que necessitam, não há motivos para saírem. É a caverna moderna, feita de aço e vidro, que envolve, seduz e acaba por destruir as relações e ideais humanos.

Este é o admirável mundo novo de Saramago, A luz do Sol é gerada pela energia elétrica, a natureza é representada pelas diversas vitrines e opções e o

consumidor, bem o consumidor é o ser que permanece hipnotizado pela “natureza” e fica a contemplar esta nova caverna.

Os consumidores e fornecedores são os prisioneiros e os grilhões estão representados no consumo desenfreado e no desejo de enriquecimento rápido, que também poderíamos se chamar exigências econômicas. Ambos acabam por destruir as relações entre os seres em nome de uma economia globalizante e alienante.

Para o Centro Comercial o importante não é o cidadão, mas o consumidor, assim a favela é um mundo aparte.

Cipriano, no livro de Saramago, representa o filósofo de Platão, que através do barro cria e recria sua vida. Buscando uma razão para sua existência, consciente de que não haverá retorno.

Neste livro, Saramago, visivelmente se inspirou em Platão para retratar a alegoria desejada, porém de uma forma inovadora. Ao contrario de nosso filósofo que sai da caverna em direção à luz, ao conhecimento; Cipriano entra no Centro Comercial, ele mergulha nas trevas para descobrir o conhecimento, porém quem vence é a caverna, pois no mundo globalizado as idéias são homogêneas e Cipriano passa a vagar consciente de sua transformação, mas sem um lugar definido dentro da nova sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mitos foram derrubados e novas verdades tomaram seus lugares. O átomo deixou de ser a menor partícula e hoje falamos em nanotecnologia, clonagem células tronco etc.

Apesar do desenvolvimento tecnológico e da evolução do pensamento humano, vivemos como os prisioneiros, dentro da Caverna Platônica. Muitos permanecem ainda hoje olhando para as sombras e crendo que aquelas imagens são a mais pura e autêntica realidade. Os novos grilhões são feitos de um material muito mais resistente que o aço, eles existem na forma alegórica do comodismo, da alienação, do consumismo e da crise valorativa pela qual a humanidade está passando.

Esses novos grilhões sufocam o corpo e a mente, roubando a vontade de pensar, de agir e de conhecer a verdade real. Não mais consideramos o outro, nem a nós mesmos; praticamente deixamos de existir, somos simples números de ibope, de consumo etc.

Nesta nova caverna, formada pelo nosso comodismo e nossos vícios, agimos e vemos as mesmas coisas, sempre do mesmo modo, desde pequenos, criando com isso, os grilhões mentais. Acostumamo-nos às imagens, às vozes, crenças, tradições. Somos moldados moral, ética e esteticamente pelos padrões impostos pela sociedade consumista, através das relações interpessoais que sofremos e exercemos uns sobre os outros, entre elas as de pais e filhos, alunos e professores, empregador e empregado etc.

Mas eis que um de nós, prisioneiro se liberta e se depara com a verdade real e assim como Neo em Matrix, no início seus olhos doem, seu corpo dói. Sua mente julga ser aquilo tudo uma mentira, pois não reconhece ali a “verdade” que obtivera quando estava na “caverna”. Ele pode até pensar em retornar à “caverna”, mas uma

vez vista a luz, o desejo do novo, do conhecimento, a descoberta, a visão de algo que desconhecia; a luz da verdade o impede de retornar.

E como narrado por Platão no Mito da Caverna e por Paulo em seu evangelho, romper os grilhões, significa romper nossas crenças, tradições e descobrir uma nova vida, uma nova verdade.

Há a possibilidade de alguns dos nossos novos cientistas, assim como o filósofo do Mito interpretado, terem visto a luz e retornado à caverna para revelar a verdade real aos demais prisioneiros. A certeza só virá, quem sabe, no próximo passo da humanidade. Atualmente ser nano é estar em sintonia com os maiores gênios da ciência e com a tecnologia de ponta.

Busquemos colocar em prática os pensamentos de nossos filósofos, ousemos pensar, procuremos valorizar a nós mesmos e aos outros; passemos a observar os objetos, os fatos, a natureza e nossa vida sob um novo ponto de vista, ousemos existir.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**, Volume I. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1998.

_____. **Convite à Filosofia**. São Paulo. Ed. Ática, 2005.

COLEÇÃO OS PENSADORES. **Platão - Vida e Obra**. Ed. Nova Cultura. São Paulo, 2004.

_____. **A República**. Ed. Nova Cultura. São Paulo, 2004.

_____. **Sócrates – Vida e Obra**. Ed. Nova Cultura. São Paulo, 2004.

GAARDER, Jostein, **O mundo de Sofia**, Tradução de João Azenha Jr.. Ed. Schwarcz Ltda., 2002.

MAIA, João Nunes, **Filosofia espírita volumes II e III**. Ed. Fonte Viva. Belo Horizonte, 1987.

MAURICIO DE SOUZA PRODUÇÕES LTDA. **As sombras da Vida**. Disponível em www.monica.com.br. Portal da Turma da Mônica, Quadrinhos, Histórias Seriadas, Piteco. Acesso em 28/07/2009.

MELANI, Ricardo. Matrix e a caverna de imagens. **Revista PUC Viva**, São Paulo, edição 04- 2º Semestre de 2006. Disponível em www.apropucsp.org.br/revista/rcc04_r13.htm. Acesso em 21 de julho de 2009.

PLATÃO. **A República**. 6º ed. Ed. Atena, 1956.

PRADO, Lídia Reis de Almeida. **Psicologia Arquetípica e ética profunda**, Palestra conferida no curso: Ética na aplicação do Direito na Escola de Magistrados da Justiça Federal da 3ª Região, São Paulo – SP, 01 de fevereiro de 2009.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo. Ed. Loyola, 1997.

_____. **O saber dos antigos - Terapias para os tempos atuais**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo, Ed. Loyola, 1999.

SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda., 2001.

WASHOWSKI, THE BROTHER, **The Matrix Trilogy**, Warner Bros Entertainment Inc., 2009.